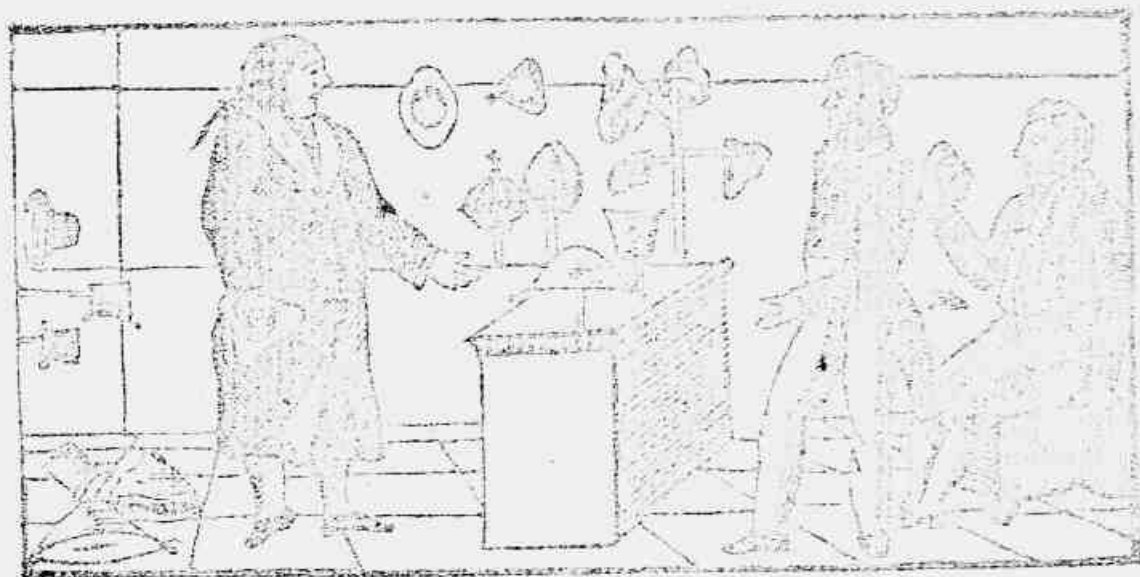




O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SÓPERACCIDENS POLITICO.

*Hunc servate modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A ternura conjugal.

Ahi temos hum titulo singular, e que talvez dê assumpto á zombaria de muitas pessoas do *bom tom*: mas como não escrevo para tal gente, e o meu objecto he agradar ao pequeno numero de individuos, que na depravação geral tem sabido conservar a sensibilidade, que he o germen das virtudes, pouco apreço darei a os sarcasmos desses bufos espirituosos, e procurarei appresentar com toda a força hum quadro, que seguramente deverá interessar.

Hum pobre jornaleiro de Marsella por falta de occupação via-se proximo a cahir em miseria, aqual scribo-lhe muito menos dolorosa, se elle só fosse victima do seu cruel destino: mas Selmon amava ternamente a sua esposa, e se aterrava com a sorte da sua Marianna, em quem punha muitas vezes os olhos arrasados de lagrimas, imaginando a indigencia, em que tinha de cahir; e com quanto procurasse occultar-lhe as magoas, que n'alma lhe moravão, Marianna presentia os mesmos temores, e tinha a seu respeito a mesma delicadeza.

A final não pôde Selmon conter por mais tempo a sua afflicção, e hum dia exclamou. " Cara Marianna, já me não he possivel disfarçar a dor, que me acabranha. Não ignoras quanto te amo. Sou chegado ao momento de ver a horrivel catadura da fome: tenho resignação para a afrontar: mas tu, querida esposa, tu tão delicada, tu...! Esta ideia despedaça-me o coração. Quando fitas os olhos em mim, perco de todo o animo: e em verdade não descobrindo eu que fazer, o que devemos esperar? Marianna corre a os braços de seu esposo, e ambos derramão torrentes de lagrimas.

No outro dia Selmon perturbado, e afflicto, como nunca, abraça ternamente a mulher, e sãe a pretexto de certo negocio; e apenas pode pronunciar estas palavras. " O Geo Marianna, me he testemunha de que só por ti he que ainda suporto o p-zado fardo da minha existencia." Marianna fica como petrificada, e elle parte, prometendo voltar á tardinha. A consternada esposa entrega-se ás suas reflexões: medita na per-

turbação do marido, nas suas ultimas palavras, mil conjecturas a saltão: ella espera a tarde com aquella impaciencia, que só podem imaginar as almas sensíveis; entra a noite, S-Imon não chega, e por ultimo appresentão lhe huma carta, cuja letra conhece ser de seu marido.

Que sobresalto, que enleio! Abre a carta, e lê. "Minha querida Marianna, amo-te tanto, que me resolvi a deixar-te. Encarreguei ao Sr.... de entregar-te o resto dos dinheiros, que tinha; e receberás nova quantia o mais sédo, que me for possível. Não sei minha adorada, como te escrevo... largos mares nos vão separar. Eu embarco para o porto de Calle (principal Feitoria da Companhia d'Africa) Ali acharei com que ganhe, já não digo a minha, porém a tua vida, que me he mais cara, que os meus proprios dias... "

A terna esposa não pôde concluir a leitura: cahio-lhe, da mão o papel, e só dizia. "Partio! Não o verci mais! Perde os sentidos por algumas horas; mas logo que torna a si, corre agodadamente ao porto, informa-se dos commandantes de diversos navios, e sabe, que com effeito seu marido embarcôra para as costas d'Africa. Marianna volta à casa, e entrega-se á desesperação: seus pais em vão procurão consolada; por que ella he surda a quanto se lhe diz, e só se occupa da penetrantê dor, que lhe causa a ausencia do esposo. Decorrem mezes sem que receba huma só carta sua, e de mais dizem-lhe, que Calle he hum paiz insalubre, e epidemico: ella vò a Director da Companhia; lança-se-lhe aos pés, pede-lhe instantemente com lagrimas, e gemidos permissão de ir ter com seu marido; e esta graça lhe he denegada.

Fazia-se de vella hum navio para Calle, e entre muitos passageiros distinguia-se hum pela sua juventude, delicadeza de feições, graça, e doçura, que respiravão em seu porte, e excitava hum interesse geral. Não se fartava o capitão

de admirar a coragem, que parecia animar aquelle mancebo, que não dava mostras de temor algum da furia das ondas, que nesta viagem muitas vezes se appresentarão horríveis com a força dos ventos: e reparava-se que o moço passageiro tinha quasi sempre os olhos voltados para o rumo d'Africa, perguntando sempre, quando chegarião a Calle. "Estamos bem perto (disse-lhe hum dia o Capitão) mas não posso dixer de o lamentar; por que parece-me, que Vm. não poderá resistir a hum clima tão doentio." Em seu lugar, Sr., eu de certo não emprehenderia tal viagem; antes passar-me-ia ao primeiro navio, que encontrassemos com o destino de ir para Marselha. "Não, Sr. Capitão (replicou o moço): tomêra já chegar a Calle, e isto foi dicto com tal expressão, que todos se interessavão por elle.

O Navio chega ás costas de Barbaria, e fundêa no porto de Bonne. O mancebo passageiro cuida de procurar certos arranjos, que lhe erão precisos para o desembarque; e alguns marinheiros devisão-lhe entre o seu facto vestidos de mulher. Correm a dar parte ao Capitão, que não fica menos admirado: mas recomenda-lhes, que não creão em me-ras apparencias. Entre tanto o Capitão chama de parte o passageiro, e estando só assim lhe falla. "Corre por aqui hum rumor, que muito deve interessar a Vm.: dizem que Vm. he senhora, e não homem. (A perturbação, em que fica o fingido moço confirma a suspeita) — Se assim he, não duvide de me confiar este segredo: a honra, e o meu dever me impõe a obrigação de a tomar sob a minha protecção, afim de que não fique sujeita á brutalidade de homens grosseiros. "

O Capitão ainda não tinha concluido o seu discurso, quando o supposto moço se lhe lançou aos pés, dizendo. "Sim Sr. eu sou mulher, que ardô por ir ter com meu marido." Marianna dá-se a conhecer: conta-lhe, que o Director

da Companhia lhe havia recusado absolutamente essa permissão, o que lhe suggeria o pensamento de passar-se a Calle, disfarçada em homem, e acrescentou: "Digne-se V. S. de ser o meu protector, e de ser a quem deva a felicidade de me reunir a meu esposo." O Capitão assegura-lhe, que nada deve temer, e diz em al'as vozes á companhia, que se havião enganado a respeito d'aquelle moço, ameaçando de castigar o que ousasse fallar mais em tal cousa.

Chegão felizmente a Calle: e logo que o Capitão desembarca, dá-se pressa por conduzir Marianna á casa do Governador da Praça, a quem relata as circumstancias, e motivo do disfarce. Nem este, nem o Capitão podião tranquilizar a esta pobre mulher, que como alienada, não fazia, senão chorar, e proferir o nome de Selmon. O Governador sahio, e d'ahi a pouco volta, trazendo pela mão a hum jornalista... Marianna dá hum grito, atira-se-lhe ao pescoço, aperta-o em seus braços sem poder proferir huma palavra. O marido fica, como se ferido fóra d'algun raio. "Que! (diz-lhe a esposa) já não conheces a tua Marianna? Muitas pessoas excitadas pela novidade, que logo se derramou por toda a parte, correm á salla do Governador, todo o mundo vertia deffrás doçes lagrimas, gozo o mais puro, que se pode saborear. Selmon, e Marianna estavam abraçados, como duas estatuas. Elles choravão incessantemente sem se poderem fellar. O Governador deo-lhes hospedagem em sua propria casa. Selmon, vencido da ternura, e das rogativas de Marianna determina-se custosamente a regressar á sua patria; e ambos embarcão para Marselha. Este acontecimento espalhou-se por toda a parte, e todos o empenhavão por esse par tão amoroso. Não faltou mais que fazer a Selmon; pois não faltou quem lhe offerecesse occupação; e a ternura, e amizade de Marianna passou em proverbio.

Que alegria, que dei neste Carapuceiro ao bello sexo! E ainda dirão as Senhoras, que as maltrato em meus e-criptos? Parece-me estar ouvindo a hum, que diz "Vêde, Chiquinha, Mariquinhas, Totonia, Clarinha, &c.; vêde, meus Agrados, meus Suspiros, Minha Simpatia, se haveria marido, que tal fizesse por sua mulher. O Carapuceiro, que tanto nos achaca, he o mesmo, que publica hoje esta historia para sua propria refutação. Que cousa há, que se compare com a ternura, e amor de huma mulher? Com effeito convivei em que a heroína desta historia, que traduzi das obras do Snr. Arnaud, era huma esposa digna; mas quantos exemplos poderia eu appresentar d'outras, que tem sido, e são verdugos, e opprobrio de seus maridos, de seus pais, de seus tutores, &c.? Eu já o disse, e o repetirei sempre, fallando dos dous Sexos: *que cá, e lá más fadas há.*

Abuso da Philosophia.

Nada há mais necessario ao homem, do que o emprego de hum saber illustrado, que remonte ás causas, que as profunde, e exponha no jogo variado das suas differentes molas o mecanismo da nossa Moral: mas essa tocha deve illuminar-nos, e não queimar-nos. Eis precisamente o que se pode dizer da Philosophia: ella guia-nos, sustenta-nos nos diversos caminhos, que temos de seguir, e efferece-nos o espelho da verdade: mas o abuso, dessa mesma Philosophia encerra todos os inconvenientes inseparaveis de tudo que he excesso. Quando ultrapassamos os limites, a nossa razão não he mais, do que huma loucura, tanto mais perigosa, quanto pecca contra o bem geral da Sociedade, offendendo a ordem, e a virtude, que não he outra cousa mais, do que a mesma ordem, para cuja manutenção devem concorrer todos os individuos de qual

quer communidade.

Em hum de meus passeios succedo-me encontrar hum homem de certa idade, cuja conversação me agradou. Havia poucos ramos da Litteratura, e das Artes, que lhe fôssam extranhos, e era principalmente mui profundo Methaphisico. Havia especie de sympathia nos ligos, e entramos a vizitar-nos reciprocamente. Hum dia, conversando nós, não sei a que proposito fiz cahir a pratica sobre o que deve unir as Sociedades. Tratei largamente da felicidade do homem, que procura ter amigos, e conservalos: exprime-me a cerca dos diversos meios de galear a estima publica. Entrei nos pormenores d'aquelles, que nos facilitão a communicação com os grandes, e com os dispençiros das graças: mas insisti com mais interesse na attenção continua, que devemos ter em procurar pessoas capazes de nos esclarecer com uteis conselhos, e de nunca nos afastarmos do caminho das virtudes: sem as quaes não pode o homem ser verdadeiramente feliz; e ao dizer estas palavras o meu espirito se inflamava. Queria penetrar a Erasto (que assim se chamava o tal Philosopho) sobre os differentes objectos, que lhe apresentava: mas elle ouvia-me com humma tranquillidade, com humma fluma, que bem penetrei logo, e que me pareceo ir degenerando em aborrecimento. " Será possível, Sur., que eu o esteja impacientando? Não, Sur., (respondeo me Erasto com a mesma apatia, e sangue frio) Vm. discorre muito bem: e verá do que lhe venha repellar, se a tudo prestei, ou não a devida attenção. Gabou Vm. a necessidade de adquirir amigos, e de entubolar a protecção dos grandes: exaltou as vantagens, que se colhem em consultar os sabios, e experimentados: oh! Placão seguramente não fallou melhor a respeito da virtude. Agora quero respondê-lhe na magallha descriptção. Faça favor de acompanhar-me. Erasto tomou-me do braço, leva-me por varios

corredores, e abre-me hum pequeno gabinete. Já vê, Sur., aqui estão os meus protectores, os meus grandes, os meus sustentaculos, os meus melhores concelheiros..... Aqui tem Sua Mercê os meus mananciaes de virtudes, de prazeres, de felicidade inalteravel. Estes são os meus amigos, os meus fieis, e inseparaveis amigos. " Mas Sur. (disse-lhe eu) Vm. parece, que zomba de mim. He nada vejo neste quarto. Pois que? (Torna-me o homem) Accoso está Vm. cego, que não vê aquelles sacos, que ali estão no canto? Onde os vê contêm para mais de 30 contos de reis. Ali estão reunidos para minha grandeza, amizade, sciencia, sabedoria, virtude, tudo, tudo quanto ha de melhor. " E dizendo isto, corre aos sacos, e entra a abraçar hum por hum, exclamando " Vem a meus braços, meu protector, meu amigo, meu fidalgo, meu filosofo, minha delicia; e parecia hum louco.

Retiramo-nos, e quando quiz proseguir na mesma conversação, Erasto ameaçou-me de me levar outra vez ao gabinete dos sacos. Não pude obter deste louco outra resposta. O dinheiro era o seu unico pensamento; e final-me te fugi da amizade de hum homem, que só se occupava da riqueza. Mas a Natureza devia vingar-se. Erasto no meio dos seus oitenta contos tornou-se sombrio, melancolico, e aborrido; disserão-me, passados annos, que suicidou-se no tal tal gabinete, e deo os ultimos suspiros em cima dos seus sacos.

(Traduzido do Sur. Arnaud.)

Pergunto agora aos meus pios, e respeitaveis Leitores, se o tal Erasto tinha, ou não alguma razão em chamar aos seus 80 contos o que elle tinha de melhor? Com o devido respeito a tão sabio Escriptor: o Sur. Arnaud escreveo em tempo q' - virtude ainda era muita coisa; mas se elle vivesse hoje, se visse seguida abraçada, ensinada, defendida, e até adorada a doutrina do egoismo, não reprovacia tanto, nem chamaria abuso da Philosophia hum principio, que he hoje o minico, e do grande tom. O homem não tem alma (diz a Philosophia da moda). o homem não passa de humma machina, ou moinho de producção, e consumo. Estes são os dois polos, sobre que gira o nosso mundo: e consequentemente se Erasto vivesse no meio de nós, era o verdadeiro sabio, era o Philosopho, que estava a par das luzes do século.

Peru: na Typ. de M. F. de Vargas. 1857.